

O “MUNDO DO TEXTO” COMO CENTRO DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE PAUL RICOEUR

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon¹
Frederico Soares de Almeida²

RESUMO: O presente artigo objetiva uma apresentação parcial da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur, mais especificamente a categoria de “mundo do texto”, sua temática central. Ricoeur define o “mundo do texto” como um mundo que um texto propõe, um mundo no qual o leitor pode habitar e projetar seus “possíveis mais próximos”. Portanto, será o “mundo do texto” que, em primeiro lugar, tornará um determinado texto significativo. Isso porque é ele que dará ao mesmo sentido e referência. A interpretação se torna possível graças a essa categoria aduzida por Ricoeur. O método empregado neste artigo é o da revisão bibliográfica.

Palavras-chave: “Mundo do Texto”; Hermenêutica; Interpretação.

ABSTRACT: This paper aims to present partially the philosophical hermeneutics of Paul Ricoeur, in special his thoughts about the "world of the text", which consists for him in its central theme. Ricoeur defines the "world of the text" as a proposed world by the text, a world in which the reader can dwell and design his/her “nearest possibles”. So that category assumes the task of becoming a meaningful text. This is because it will give text its meaning and reference. The interpretation becomes possible on account of that category proposed by Ricoeur. The method used in this paper is the literature review.

Keywords: "World of the Text"; Hermeneutics; Interpretation.

Paul Ricoeur se projeta, certamente, como um dos grandes filósofos e pensadores franceses do pós-Segunda Guerra Mundial. Em face da multiplicidade de temas que ele aborda, o presente artigo se restringe a apresentar tão somente um aspecto vital de seu

¹ Mestre em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (bolsista pela CAPES); Especialista em Ciências da Religião e em Educação (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar) e Licenciado em Pedagogia, ambos pela Faculdade de Educação e Tecnologia - Fetremis; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; Bacharelado em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH).

² Mestre e Bacharel em Filosofia, ambos pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH).

pensamento hermenêutico. A intenção, aqui, consiste em mostrar como a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur desenvolve a noção de “mundo do texto” e como seu pensamento hermenêutico, a partir dessa noção, orienta-se para o texto, fazendo emergir a compreensão de que o “mundo do texto” será o lugar onde o sentido textual irá se manifestar.

O trabalho da interpretação possui como tarefa, portanto, a descoberta do significado textual. É de acordo com essa perspectiva que Paul Ricoeur constrói sua noção de “mundo do texto”. Logo, este artigo pretende apresentar a noção de “mundo do texto” como ponto fundamental para a compreensão da hermenêutica ricoeuriana.

1. O “Mundo do texto”

A noção de “mundo do texto” constitui um aspecto central da hermenêutica de Paul Ricoeur. A construção dessa concepção tem como ponto de partida uma reflexão sobre a função referencial dos discursos não descritivos, tais como poemas e narrativas. Ricoeur compreende que seus estudos relativos ao “mundo do texto” partem da análise da inovação semântica introduzida na obra dentro do discurso poético, graças à metáfora, e, dentro do discurso narrativo, com base na intriga³. A inovação semântica alcança seu apogeu na poesia e na arte narrativa.

A preocupação com a linguagem é que conduz esse filósofo a centralizar toda a sua hermenêutica na noção de texto que exige o trabalho de interpretação. Este trabalho do leitor é antecipado por um movimento interpretativo no interior do próprio texto:

Antes de ser obra do leitor, a interpretação é um movimento em ação no próprio texto, cabendo ao leitor desvelar este dinamismo e em seguida prolongá-lo em sua própria existência. E prolongar significa extrair novas significações na linha do sentido fundamental do texto, o que Ricoeur chama de fusão entre o mundo do leitor e o mundo do texto, na linha do pensamento de Gadamer. O que interessa de modo particular a Ricoeur é a veemência ontológica da linguagem, sua capacidade de dizer o ser humano e o mundo, sendo a noção de mundo do texto um dos eixos estruturantes da hermenêutica textual, ao ser

³ Cf. RICOEUR. *Escritos e Conferências 2: hermenêutica*, p. 32.

entendido como projeção de mundo e como mediação da compreensão de si⁴.

A expressão “mundo do texto” vincula-se fundamentalmente à tarefa hermenêutica. Esta tarefa consiste em acessar o “mundo do texto”, o mundo que se abre com o texto. A ligação é realizada no momento em que se utiliza a distanciação pela escrita e a objetivação pela estrutura da obra, pois, conforme explicita Corá: “a capacidade do discurso mostra-se no visar às coisas, na aplicação à realidade e na busca de exprimir o mundo”⁵.

Em Ricoeur, a hermenêutica filosófica deverá ir para além da mera exegese de textos, num esforço para descobrir o “mundo do texto”. A hermenêutica, em seu aspecto textual, coloca o acento, não sobre a relação dialogal entre autor e leitor, nem sobre a decisão do ouvinte da palavra, mas, sim, sobre o “mundo do texto”. É a partir dele que a compreensão de si é modelada pela hermenêutica. Para Ricoeur, a linguagem não é para si mesma, mas se dá em vista do mundo que ela é capaz de abrir e descobrir. Portanto, a interpretação da linguagem não será distinta da interpretação do mundo.

De acordo com Ricoeur, a superação do historicismo psicologizante da hermenêutica romântica e do objetivismo coisificador das análises estruturais se dá através dessa noção denominada como “mundo do texto”⁶. A esse respeito, afirma que:

O traço que colocamos sob o título “Mundo do Texto” irá levar-nos ainda mais longe das posições da hermenêutica romântica, que são ainda as de Dilthey, mas também aos antípodas do estruturalismo que eu aqui recuso como o simples contrário do romantismo⁷.

De acordo com Ricoeur, a hermenêutica romântica buscava enfatizar a expressão de genialidade e, ainda, igualar-se a ela, tornando-se dela contemporânea. Nesse sentido, Dilthey fundou seu conceito de interpretação sobre a noção de compreensão, vale dizer, ainda, na apreensão de uma vida estranha que se exprimia através das objetivações da escrita⁸.

⁴ SALLES. Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto, p. 265.

⁵ CORÁ. *Hermenêutica e teoria da ação em “O si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur*, p. 46.

⁶ Cf. SANTOS. Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa, p. 174.

⁷ RICOEUR. *Do texto à acção – ensaios de hermenêutica II*, p. 119-120.

⁸ Cf. RICOEUR. *Hermenêutica e ideologias*, p. 64.

Segundo Paul Ricoeur, é por este viés que se manifesta o caráter psicologizante e historicizante da hermenêutica romântica e diltheyana. Este caminho da hermenêutica romântica não é mais acessível, a partir do momento em que se leva em consideração a distanciação, por meio da escrita, e a objetivação, por meio da estrutura da obra.

A hermenêutica, para Ricoeur, não aspira à realização de uma investigação para descobrir as intenções psicológicas ocultas no texto. A hermenêutica deverá se preocupar em explicitar o ser-no-mundo revelado pelo texto. Nesse mundo, aparece a possibilidade de o intérprete poder adentrar e se apropriar das possibilidades proporcionadas por este universo. Em outros termos, a hermenêutica deve se ocupar do mundo proposto pelo texto, mundo no qual o leitor pode habitar.

Ricoeur compreende que a tarefa principal da hermenêutica escapa à alternativa da genialidade ou da estrutura. Logo, ela não pode ser mais vista como uma procura por alcançar a inteligência do autor e não pode, também, restringir-se à reconstituição estrutural de uma determinada obra:

Tudo o que a hermenêutica pode acessar está no texto, não apenas em suas estruturas formais, nem na intenção do seu autor, mas no próprio texto, ou melhor, no mundo que se abre com o texto. Para tanto, é preciso compreender o tipo de relação referencial que o texto instaura. Como se deixa mostrar o mundo que está no texto⁹.

A noção de “mundo do texto” abarca, segundo Ricoeur, o que se chamou anteriormente de referência ou denotação do discurso. De acordo com ele:

[...] em toda a proposição podemos distinguir, com Frege, o seu sentido e a sua referência. O seu sentido é objeto ideal que ela visa, este sentido é puramente imanente ao discurso. A sua referência é o seu valor de verdade, a sua pretensão de atingir a realidade. Por esta característica, o discurso opõe-se à língua que não tem relação com a realidade, remetendo as palavras para outras palavras na roda sem fim do dicionário, apenas o discurso, dizíamos nós, visa às coisas, se aplica à realidade, exprime o mundo¹⁰.

A questão que agora surge diz respeito à dificuldade que se manifesta no momento em que o discurso se transforma em texto. Segundo Ricoeur, o problema reside no

⁹ SANTOS. Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa, p. 174.

¹⁰ RICOEUR. *Do texto à acção – ensaios de hermenêutica II*, p. 120.

entendimento sobre o que ocorre com a referência quando o discurso se torna texto. Para ele, é aqui que, primeiramente a escrita e, sobretudo, a própria estrutura da obra, alteram a referência, a ponto de torná-la inteiramente problemática¹¹;

No discurso oral o problema se resolve na função ostensiva do discurso. Em outras palavras, a referência se resolve no poder de apresentar uma realidade comum aos interlocutores; ou, se não se pode mostrar a coisa de que se fala, pelo menos se pode situá-la na relação espaço-temporal à qual também pertencem os interlocutores. Finalmente, é o *hic et nunc*, determinado pela situação do discurso, que busca oferecer a referência última de todo discurso. Contudo, na escrita, já não existe a situação comum entre escritor e leitor e, desse modo, as condições concretas do ato do apontar já não mais existem:

Para Ricoeur, quando um discurso se transmuta em texto, acaba por deslocar o horizonte referencial originário de seu evento. Na oralidade, a referência do discurso não chega a constituir de fato um problema, na medida em que se funda no caráter ostensivo da fala. Na pressuposição de que, no discurso falado, no mínimo, mesmo que não se possa mostrar diretamente a coisa mesma da qual se fala [...]. Na escrita, isso se perde. A relação referencial existente entre aquele que fala e aquele que escuta, não pode ser a mesma que há entre aquele que lê. No texto não há mais, nem situação comum, nem possibilidade do ato *dêitico*. O texto opera um recorte no discurso, cindindo sentido e referência, sendo capaz, apenas, de reter o primeiro, o sentido. A referência ostensiva está do lado daquilo que com o evento se esvai. Por isso o texto é o lugar privilegiado da significação, pois é lá que ela se mantém¹².

Com efeito, Ricoeur supõe que o discurso quer levar à linguagem uma experiência, uma determinada maneira de habitar e estar-no-mundo que o precede e pede para ser dita. Essa referência é aquilo sobre o qual fala o texto, que se acha exposto diante dele, os mundos que são propostos, abertos pelo texto, um pedido sobre uma nova forma de olhar para as coisas.

Ele acredita que a extinção do caráter mostrativo ou ostensivo da referência torna possível o fenômeno denominado literatura, “onde toda referência à realidade pode ser abolida”¹³. Com o surgimento de certos gêneros literários, que, apesar de vinculados à escrita, não são necessariamente tributários dela, a abolição da referência ao mundo dado é levada até suas mais extremas condições. Para Ricoeur, o papel de grande parte da

¹¹ Cf. RICOEUR. *Hermenêutica e ideologias*, p. 64.

¹² SANTOS. Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa, p. 175.

¹³ RICOEUR. *Hermenêutica e ideologias*, p. 64.

literatura é justamente este, a saber: desconstruir o mundo. Essa concepção diz respeito “à literatura de ficção, conto, novela, romance, teatro, assim como à literatura poética, em que a linguagem ou a própria literatura parece glorificada para si mesma a custa da função referencial do discurso vulgar”¹⁴.

Paul Ricoeur acredita que não existe discurso tão fictício que não vá ao encontro da realidade. Contudo, segundo ele, há outro nível mais fundamental do que aquele que procura alcançar o discurso descritivo, constativo, didático, a que chamamos de linguagem vulgar:

Aqui, a minha tese é a de que a abolição de uma referência de primeira categoria, abolição operada pela ficção e pela poesia, é a condição de possibilidade para que seja libertada uma referência de segunda categoria que atinge o mundo, não apenas ao nível dos objetos manipuláveis, mas ao nível que Husserl designava pela expressão *Lebenswelt* (mundo da vida) e Heidegger pela de ser-no-mundo¹⁵.

É na dimensão referencial absolutamente original da obra de ficção e de poesia que, para Ricoeur, coloca-se a questão hermenêutica mais fundamental. Se não se pode mais construir uma definição hermenêutica por uma investigação de um outrem e das suas intenções psicológicas que se dissimulam por detrás do texto, e se não se quer restringir a interpretação à desmontagem das estruturas, o que resta à interpretação? Ricoeur responde essa questão ao argumentar que interpretar consiste em explicitar o modo de ser-no-mundo revelado diante do texto.

Nesse cenário, Ricoeur recorre à sugestão heideggeriana relativa à compreensão. Lembra que a teoria da compreensão construída por Heidegger em *Ser e tempo* já não mais se vincula à compreensão de outrem. Portanto, afirma que:

Mas precisamente, é uma estrutura cujo exame vem após ao da *Befindlichkeit*, o momento do “compreender” responde dialeticamente ao ser em situação, como sendo a projeção dos possíveis mais adequados ao cerne mesmo das situações onde nos encontramos. Dessa análise, retenho a ideia de “projeção dos possíveis mais próximos” para aplicá-la à teoria do texto. De fato, o que deve ser interpretado, num texto, é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar meus possíveis mais próprios. É o que chamo de mundo do texto, o mundo próprio a este texto único¹⁶

¹⁴ RICOEUR. *Do texto à acção – ensaios de hermenêutica II*, p. 121.

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ RICOEUR *Hermenêutica e ideologias*, p. 66.

Ricoeur define o “mundo do texto” como um mundo que um texto propõe, um mundo no qual o leitor pode habitar, um mundo no qual há a possibilidade dele projetar seus “possíveis mais próximos”. É o “mundo do texto” que, em primeiro lugar, torna um determinado texto significativo, pois apenas ele concede sentido e referência. Com relação a essa categoria, David Pellauer comenta:

Trata-se de algo que o texto, por assim dizer, projeta não atrás, mas à frente de si. Dissemos que o discurso é sempre sobre algo. Os textos são, em última análise, sobre esse “mundo” que os leitores podem se imaginar habitando. Daí compreender um texto (ou qualquer instância de discurso) depende, para Ricoeur, de captar o mundo do texto (ou do que é dito) como um mundo que eu posso ou nós podemos imaginar habitando. Mas uma vez que o “eu” (ou nós) em questão difere no tempo, assim também o significado do texto de que alguém se apropria vai diferir de alguma forma de uma época para outra e de um lugar para outro, sem por tudo isso se tornar sem significado¹⁷.

A interpretação se torna possível, assim, graças a essa categoria hermenêutica. Ela une e comunica, pois, entre si dois sujeitos, o autor e o leitor. O que é apropriado na leitura de um texto específico é uma proposição de mundo, de novas possibilidades de ser e agir, a partir do universo que se desdobra diante do texto e do leitor, de modo que o leitor consegue interpretar um texto ao aproximar da obra literária uma situação constituída para além do próprio texto:

Primeiro, aquilo que é apropriado não é a intenção do autor, mas o significado do texto, ou seja, o mundo da obra à frente do texto. Ricoeur propõe que esta compreensão do texto está próxima do conceito de Gadamer da fusão dos horizontes. Segundo, a hermenêutica não é governada pelo receptor original do texto – “o significado do texto está aberto a qualquer um que saiba ler”, o que teria sido demonstrado convincentemente por Gadamer. Terceiro, a apropriação do significado de um texto não é determinada subjetiva ou relativamente apenas pelo leitor, que é o problema que Ricoeur encontra no conceito de aplicação de Gadamer. Em vez disso, o que se “torna próprio” é “o projeto de um mundo, pro-posição de um modo de ser no mundo que o texto abre à frente de si mesmo através de suas referências não ostensivas”¹⁸.

O “mundo do texto” não coincide, assim, com o da linguagem cotidiana. Nesse sentido, ele forma uma nova espécie de distanciação entre o real e o si mesmo. Essa não seria outra senão a distanciação que a ficção gera na realidade. Para Ricoeur, uma

¹⁷ PELLAUER. *Compreender Ricoeur*, p. 86-87.

¹⁸ SCHMIDT. *Hermenêutica*, p. 223-224.

narração, um conto, ou um poema não existem sem referente¹⁹ (cf. RICOEUR, 1991, p. 122). Contudo, esse referente está numa ruptura constante com o da linguagem cotidiana:

Pela ficção, pela poesia, abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo, na realidade cotidiana; ficção e poesia visam ao ser, já não sob a modalidade do ser dado, mas sob a modalidade do poder-ser. Por isso mesmo, a realidade quotidiana é metamorfoseada graças ao que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera no real²⁰.

Ricoeur procura mostrar que a ficção vem a ser o itinerário privilegiado da descrição da realidade, e a linguagem poética é aquela que, por excelência, opera o que Aristóteles, ao refletir sobre a tragédia, concedeu o nome de *mimesis* (imitação) da realidade²¹. A tragédia, com efeito, só imita a realidade, porque a recria através de um *mythos* que atinge sua mais profunda essência.

Paul Ricoeur põe-se à construção de uma teoria filosófica da interpretação que leve em conta a ação do ser humano. Sua hermenêutica terá como base o discernimento da “coisa do texto”, em vez da psicologia do autor. Segundo nosso autor, a “coisa do texto” é tão importante para sua estrutura como a referência o é para o sentido na proposição. No texto não se pode apenas ficar com a estrutura imanente, pelo sistema interno de dependência proveniente do entrecruzamento dos códigos que o texto põe em ação. Deve-se ir para além daí; deve-se buscar explicitar o mundo que o texto projeta.

2. Considerações finais

Para Paul Ricoeur, a hermenêutica não pode se reduzir a uma busca pela compreensão e apropriação do sentido dos textos. Ela deve ser um trabalho de compreensão do ser humano e do mundo no qual vive. Nesse horizonte, para Ricoeur, a totalidade da filosofia se converte em hermenêutica. O trabalho da interpretação deve ser penetrado pela profunda intenção de vencer as distâncias e as diferenças culturais, buscando harmonizar o leitor com o texto, o qual se lhe tornou estranho, e incorporando

¹⁹ Cf. RICOEUR. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*, p. 122.

²⁰ *Idem.*

²¹ RICOEUR. *Hermenêutica e ideologias*, p. 66.

seu sentido na compreensão atual que um homem é capaz de ter de si mesmo, através da necessária mediação pelo texto.

O que Ricoeur procura, agora, com o desenvolvimento de sua hermenêutica filosófica é interpretar no texto uma proposta de mundo, um projeto de mundo que o eu poderia habitar e em que poderiam ser projetados os seus “possíveis mais próximos”. Para Ricoeur, compreender-se significa compreender-se em face do texto e receber dele as condições de um si diferente do eu que brota do texto.

Bibliografia

CORÁ, E. J. *Hermenêutica e teoria da ação em “O si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur*. S. M.: Universidade Federal de Santa Mária, 2004. Dissertação de mestrado não publicada.

PELLAUER, D. *Compreender Ricoeur*. Trad.: M. Penchel. Petrópolis: Vozes, 2010.

RICOEUR, P. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*. Trad.: Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Portugal: Rés Editora, 1991.

_____. *Hermenêutica e ideologias*. Trad.: Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Escritos e Conferências 2: hermenêutica*. Trad.: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SALLES, W. Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 124, p. 259-278, mai.-ago. 2012.

SANTOS, F. dos. Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa. *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. II, n. 22, p. 157-181, jul.-dez. 2004.

SCHMIDT, L. *Hermenêutica*. Trad.: Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUMARES, M. *História e verdade*. Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. 35, n. 3, p. 334-335, jul./set. 1979.